

TECENDO DIÁLOGOS: PRIMEIRAS PERCEPÇÕES ENTRE LIMA BARRETO, EUCLIDES DA CUNHA E MANOEL BOMFIM.

Dr. Jomar Ricardo da Silva

(UEPB – NEABÍ- PROPESQ – PIBIC)

(jomarricardosilva@hotmail.com)

Diego de Sousa Santos

(diego.sousa.s@gmail.com)

(UEPB – NEABÍ – PROPESQ- PIBIC)

Jerferson Joyly dos Santos Medeiros

(jjsm20@gmail.com)

(UEPB – NEABÍ – PROPESQ – PIBIC)

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo as representações acerca das concepções de etnia e ciência nas obras de Lima Barreto, Manoel Bomfim e Euclides da Cunha, bem como suas reflexões realizadas a partir dos conhecimentos vivenciados pelo contexto social e devidamente percorridos em suas obras, como a percepção da literatura e a repulsa do negro e do ideário de mestiçagem predominante na sociedade do início do século XX. As obras de Lima Barreto, Manoel Bomfim e Euclides da Cunha emergem da consciência étnica e social ou da subjetividade em que estes emergiam, seja, no âmbito da realidade que dela se inseriam e que com estas dialogavam. Seus escritos registram os acontecimentos sociais resultantes das redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial, no continente europeu, o que refletirá nas relações sociais cotidianas da recente República do Brasil. A análise comparativa entre os três escritores do início da República vem trazer a concepção de uma realidade que estava sendo constituída em meio à euforia da dita “modernidade”. Eram pensadores da realidade brasileira, na aceção de conferirem a escrita um caráter emancipatório, intencionando a provocar uma mudança de atitude em seus contemporâneos, com intuito de instigar uma transformação social.

Palavras - chave: Ciência, Literatura, Etnia.

Este artigo tem como objeto de estudo as representações acerca das concepções de etnia e ciência nas obras de Lima Barreto, Manoel Bomfim e Euclides da Cunha, bem como suas reflexões realizadas a partir dos conhecimentos vivenciados pelo contexto social e devidamente percorridos em suas obras, como os seus escritos representavam a percepção

social do negro e como se constituiu a mestiçagem predominante na sociedade do início do século XX.

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo João Henrique Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade (BARBOSA, 2002). Posteriormente, numa de suas crônicas, deu a conhecer a consciência étnica e social que tinha de si mesmo: “Nasci sem dinheiro, mulato e livre” (BARRETO, 2004 a, p. 271).

No contexto em que Lima Barreto se inseria, havia uma discussão sobre raça e miscigenação que associava o conceito de etnia à perspectiva de desenvolvimento político, social e econômico do país. Entre os intelectuais que debatiam o sentido da nação a partir do conceito de eugenia, encontravam-se escritores, literatos e pensadores sociais.

Nesse período o Brasil passava por transformações de ordem econômica, política e social. Poucos anos após o nascimento de Lima Barreto foi proclamada a República (1889) e sancionada a Abolição da escravatura (1888). Estes dois fatores para Costa (E. V., 1995, p.328), são, na verdade, “sintomas de uma mesma realidade”; repercussões na esfera institucional das mudanças ocorridas na estrutura do país.

O regime escravista estava mais para sustentar uma estrutura de poder regional do que para organizar os fatores de produção. Especificamente a abolição, observada “de uma perspectiva ampla, comprova-se que a mesma constitui uma medida de caráter mais político que econômico” (FAUSTO, 2000, p.145). Neste aspecto reconhece-se a pertinência das ilações do economista, tendo em vista as poucas mudanças trazidas com o fim do escravismo.

Lima Barreto questionava o fundamento científico do conceito de raça, a partir das ramificações surgidas em torno de um núcleo teórico e que lastreava várias abordagens, pois para ele, não havia unidade no tocante a um corpo comum de ideias normatizadoras que fossem compartilhadas por uma comunidade de cientistas: “Nada mais falso do que apelar para Ciência em tal questão... Cada autor faz um poema à raça de que parece descender ou com que simpatiza, por isto ou por aquilo” (BARRETO, 2004 a, p. 583).

É nessa perspectiva que abordamos a obra de Lima Barreto, entendendo a trajetória do escritor. A ascensão de pessoas pertencentes à etnia negra, tendo em vista a educação como redenção, não seria uma realidade, pois mesmo se efetivando pelo desempenho intelectual, a sociedade não a reconhecia. Por receber estímulos na família em que nasceu - o pai lia em francês e a mãe foi professora – desenvolveu aptidões intelectuais. Teve a ousadia de querer

ser reconhecido como um grande escritor da época, entretanto, apesar de sua capacidade, foi segregado socialmente.

O pai de Lima Barreto desejava que o filho fosse um doutor, um homem formado e com posição distinta; para atingir esse ideal dispensou todos os esforços. Por esta razão Lima Barreto terminou o secundário e matriculou-se na Escola Politécnica (1897), tendo abandonado os estudos em 1903; neste ínterim, o pai enlouqueceu. O escritor passou a assumir as responsabilidades da família com o salário de amanuense do Ministério da Guerra, um trabalho no qual não gostava.

Manoel Bomfim, escritor do início do século XIX, médico, político, historiador e educador, nasceu em 1868 em Aracaju e morreu em 1932 no Rio de Janeiro, foi um pensador que em suas reflexões, chega em determinados aspectos a romper com os paradigmas predominantes na época. Suas abordagens abrangem os males de origens dos países do continente americano, discutindo a exploração das colônias pelas metrópoles e as condições dos escravos e trabalhadores pelos senhores e proprietários, recorrendo a uma noção tirada da biologia: o parasitismo.

A respeito da aplicação das teorias de Charles Darwin ao processo de miscigenação, Manoel Bomfim refutava o que considerava a instrumentalização das concepções evolucionistas para justificar a dominação imperialista e a opressão dos mais pobres.

Deste modo veremos como Bomfim atacou o imperialismo dos Estados Unidos no momento em que este estendia sua influência sobre os países do continente, a partir da doutrina propalada pelo presidente norte-americano James Monroe (1817 – 1825), que pregava a não intervenção das nações européias na América, divergindo assim contra a corrente americanista. Bomfim percebeu, ao contrário, que o americanismo era um instrumento usado pelos EUA para descartar a presença econômica européia e estabelecer a sua própria hegemonia no continente (VENTURA, 2001).

Por sua vez, Euclides da Cunha, Ingressando na Escola Militar em 1885 e acreditando na ciência e no progresso tem sobre a miscigenação das raças para formação do caráter do povo brasileiro, no livro “Os sertões”, publicado em 1902, apresenta uma visão que abrange o regime republicano e a abolição da escravidão.

No entanto, para este autor, segundo GALVÃO (2001), o caldeamento de raças traria prejuízos a população do país porque mesmo quando a lei do evolucionismo assegurava a preponderância dos traços de uma raça superior, sobre aquelas consideradas enfraquecidas, havia a persistência dos estigmas daquela que estava sendo considerada inferior.

A mistura de raças criaria um tipo de descendente mestiço que se constituía em um ser “desequilibrado” na própria expressão do escritor. Todavia, a miscigenação ocorrida no sertão iria produzir um tipo não degenerado como se efetivou no litoral. O sertanejo preservaria as características da civilização dos mamelucos bandeirantes fixados no interior do nordeste e Amazonas, tendo como vetor a região paulista, sem a mescla do sangue africano e adaptado às condições do país. Euclides da Cunha considerava a si próprio um descendente de celta, tapuia e grego, aspecto que o levaria a estudar os grupos indígenas genuínos (SEVCENKO, 2003, p. 243).

As obras de Lima Barreto, Manoel Bomfim e Euclides da Cunha resultam da consciência étnica e social ou da subjetividade em que estes emergiriam, seja, no âmbito da realidade que dela se inseriam e que com estas dialogavam. Seus escritos registram os acontecimentos sociais resultantes das redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial, no continente europeu. Por conseguinte, houve desenvolvimento da indústria baseado nas descobertas no setor químico e na eletricidade (HOBBSAWM, 1997, p. 70).

Hobsbawm (1988, p. 66) assinala que nesse período o capitalismo se tornou internacional na prática e internacionalista na teoria. Ele assumiu, cada vez mais, características globais, passando por mudanças rápidas e profundas. À medida que estreitava as fronteiras entre as regiões do mundo, tinha a necessidade de também modificar os padrões de vida e de consumo das áreas que eram incorporadas à dominação imperialista.

Lima, ao tratar com o rigor científico o problema das raças, fazia conforme suas inclinações, interesses e relações sociais de classe e etnia. O que se escrevia naquele momento estava impregnado de motivações subjetivas para compreender as relações raciais no país.

De fato, a abolição, antes de reparar uma injustiça social, veio trazer outros problemas para o grupo social étnico liberado: o negro não foi incluso na nova ordem social e a propriedade da terra continuou concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Estes últimos preferiram a opção de utilizar a mão de obra estrangeira, proveniente da emigração sob os auspícios do Estado, a aproveitar o contingente de ex-escravos, que passou a constituir uma massa de pessoas sem trabalho, moradia e educação (RIBEIRO, 1995, p. 222).

Tentamos compreender neste artigo e em nossas atividades de pesquisa decorrentes ao longo da vigente cota PIBIC UEPB/CNPq 2010/2011, os elementos presentes na sociedade brasileira, do início do século XX.

Com o ideário de representação sobre a miscigenação elaborada pelos atores, visando uma maior abertura nas temáticas trabalhadas na construção da sociedade brasileira, visando entender as percepções acerca das representações sobre a miscigenação nas crônicas de Lima Barreto, a partir dos conhecimentos vivenciados pelo contexto social devidamente apresentado na realidade em que este se inseria, pois só assim traremos para a discussão uma análise das suas concepções no tocante a miscigenação e suas percepções de ciências, identificaremos na obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha, a representação de uma realidade constitutiva do pensamento científico, em que se negava a valorização da miscigenação com o “negro”, onde as percepções de cidadania e militância política estão presentes de forma implícita frente uma importante fase de transição nas políticas nacionais.

A análise das insurreições populares representaria nesta obra um caráter de reivindicação destas categorias frente o projeto de “modernização” que assolava as populações pobres do início do século XX. E por fim, avaliamos no livro “America Latina: Males de Origem” de Manoel Bomfim o sentido de parasitismo a fim de mostrar como a eugenia científica culpava as raças “inferiorizadas”, as populações mestiças e o clima tropical pelo atraso do país, criando-se a partir da noção de parasitismo, uma “teoria biológica da mais valia”, segundo a qual as elites locais, as metrópoles coloniais e as potências imperialistas seriam parasitas das classes trabalhadoras, tomando para si a riquezas que estas produziam.

O presente estudo configura uma época importante da sociedade brasileira, a virada de um século a outro, por ser considerada a gênese do capitalismo que tardiamente, em relação aos países europeus, se constituía, trazendo mudanças nas formas de pensar e agir das pessoas.

Como vemos atualmente a grande à discriminação racial e étnica continua a ser um dos maiores problemas dos direitos humanos no mundo atual, atingindo tanto minorias étnicas quanto, em alguns casos, populações inteiras. A discriminação racial pode tomar muitas formas, desde a mais brutal e institucional forma de racismo - o genocídio, até as formas camufladas, por meio das quais determinados grupos raciais e étnicos são impedidos de se beneficiarem dos mesmos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais comuns a outros grupos da sociedade.

No Brasil temos uma grande discussão sobre o mito da democracia racial onde se julga a inexistência do preconceito étnico por ser a população de nosso país composta por uma diversidade multicultural. Nosso estudo é um desafio ao comparar os três escritores do início

da República, Lima Barreto, Euclides da Cunha e Manoel Bomfim, traz a concepção de uma realidade que estava sendo constituída em meio à euforia da dita “modernidade”.

Eram pensadores da realidade brasileira, na acepção de conferirem a escrita um caráter emancipatório, intencionando provocar uma mudança de atitude em seus contemporâneos, com intuito de instigar uma transformação social. Com essa a exposição de motivos, afirmamos que nossas intenções ao termino desta pesquisa sobre as representações da miscigenação nas obras de Lima Barreto, Euclides da Cunha e Manoel Bomfim, no início do século XX, deram-se pelo fato de que podemos estar contribuindo para ampliar a reflexão sobre as relações da sociedade com a quebra do estereótipo introduzido no Brasil acerca das classes marginalizadas da sociedade, bem como o ideário de mestiçagem.

Considerações finais

Formulando sua escrita no perpasso do contexto mundial de expansão da economia, dos costumes e cultura moral, indo ao centro “intelectual” da sociedade brasileira então localizada na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, Lima Barreto consciente de suas origens e refletindo esta percepção em seus escritos se impõem na base do pensamento científico e racional para, assim como outros autores deste início do século XX, almejar a notoriedade de seus escritos, no entanto, devido sua ascendência sofre discriminações.

No contexto em que Lima Barreto se inseria, havia uma discussão sobre raça e miscigenação que associava o conceito de etnia à perspectiva de desenvolvimento político, social e econômico do país. Entre os intelectuais que debatiam o sentido da nação a partir do conceito de eugenia, encontravam-se escritores, literatos e pensadores sociais.

Euclides da Cunha de forma semelhante a Lima trabalha as questões relativas às temáticas de ciência e etnicidade, mas seu olhar inverte a perspectiva de denúncia e colocam na obra escrita “Os Sertões” os fundamentos de um discurso de ciência baseado na determinação das teorias evolucionistas e biológicas e põem a miscigenação étnica como movimento de involução causador dos então problemas sociais do país. O seu olhar confere a “miscigenação” uma “teleologia do lamento”, pois para Euclides sua constante na sociedade brasileira causava o enfraquecimento das “raças” mais aptas a “civilização” estas sobre a ótica de um olhar branco e cientificista discriminatório.

Delineando as categorias de raças e sub-raças o pensamento Euclidianiano presente em sua obra nos trás padrões de sociedade que analisados fomentam reflexões de uma estrutura social

e intelectual presente na República e que em seus aspectos fundantes eram propalados sobre a caracterização de saberes necessários para o progresso e “civilização” permeado destes conceitos a obra tem sua tipologia de sujeitos formulada sobre três eixos de “miscigenação” o branco – português, o índio - guarani e o negro – banto. Analisando a obra Euclidiana na perspectiva Bomfiniana temos nesta as mazelas que autor provoca, desmoraliza, denigre, agride, tenta analisar, compreender e propor algumas soluções, a “América Latina: Males de Origem” desmascara teóricos e “publicistas” europeus que, apoiados no cientificismo naturalista e no evolucionismo, chamavam os povos latino-americanos de “inferiores”, entregues, segundo diziam, ao mais puro “barbarismo estéril”.

Tentar entender esses três autores e suas obras, reflete a complexidade do pensar Brasil em tempos de transitoriedade como nos discorridos fins de século XIX e início de século XX, ter a ciência em discussão e perceber a influencia desta na literatura nos trás a tona problemáticas atuais que estão longe de serem analisadas em sua totalidade, pensando desta forma temos em nosso objeto avanços e entraves nas relações das concepções de história e fontes literárias.

REFERENCIAS DOS AUTORES (FONTES)

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, v. I.

_____. *Toda crônica*. 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004 a, v. I

_____. *Toda crônica*. 1919-1922. Rio de Janeiro: Agir, 2004 b, v. II.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. 1º ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1905. 2ª edição. Rio de Janeiro: A noite, 1938. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. Edição comemorativa do centenário de publicação do livro, a Topbooks republicou A América Latina: Males de origem em 2005.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

REFERENCIAS

ALVES FILHO, Aluísio. *Manoel Bomfim: combate ao racismo, educação popular e democracia racial*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto (1881 - 1922)*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. "Radicalismos". *Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, vol.4, n.8, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COSTA, Angela Marques da. SCHWACR, Lilia Moritz. 1990 – 1914: No tempo das certezas / coordenação Laura de Mello e Sousa, Lilia Moritz Schwacr. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

_____. *Introdução à Sociologia*. Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: edições 70, 1970.

_____. *O processo civilizador: A formação do Estado e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1993, v. 2.

_____. *A sociedade de corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FAUSTO, Boris. *História de Brasil*. 8. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FREUD, Sigmund. El Moisés de Miguel Angel (1914). In: _____. *Psicoanálisis aplicado: ensayos sobre la aplicación del psicoanálisis a la literatura, el arte, la religión, la mitología, la guerra y la paz*. Trad. Ludovico Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1954. (Obras completas, v. 23).

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBBSBAWM, Eric. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A era do capital: 1848-1875*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. 3 ed. Rev. e amplia. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história.” Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, [Trad. das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, Roberto. Arqueologia, filosofia e literatura. In: CASTELO BRANCO,Guilherme; PORTOCARRERO, Vera (orgs.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990

REIS, José Carlos. Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática. In: REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: FGV, 2005. p.183-239. v.2.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 11-22.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. Rev.e Ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **O Brasil visto de fora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOUZA, Jessé. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In: SOUZA, Jessé (Org.). **O malandro e o protestante**: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Editora UNB, 1999.

_____. **A modernização seletiva**: uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora UNB, 2000.

VENTURA, Roberto. Introdução ao Brasil – Um banquete no trópico. 1ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Os Sertões”. In: Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico / Lourenço Dantas Mota (organizador) – 3ª Ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 200.